

O ATENDENTE FRATERNO PERANTE O JOVEM

O jovem é um assistido que requer especial atenção por parte dos Atendentes Fraternos. Pela faixa de idade em que está geralmente é bastante sensível. Às vezes até pode ser “desconfiado” com relação aos adultos com os quais tenha contato. Estão por assim dizer: na defensiva, esperando críticas, sermões, desaprovações, etc.

Ao recebê-lo no Atendimento Fraterno, o Atendente deverá ser cordial, mas não de maneira exagerada, pois uma atitude assim logo despertaria desconfiança. Cordialidade equilibrada, atenção será sem dúvida a recepção certa.

AVALIAÇÃO

Estabelecido o primeiro contato, fazer mentalmente uma rápida avaliação:

- a) É um jovem sem grandes problemas?
- b) Está procurando uma diretriz na vida?
- c) Quer saber algo a respeito de um assunto específico?
- d) Vem movido pela simples curiosidade a respeito do que acontece numa casa espírita?

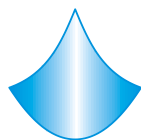
Poucas perguntas, bem objetivas já o definirão como um jovem sem grandes problemas ou como um jovem que tem algo sério a resolver.

Neste último caso, geralmente ele chegará à casa espírita por sugestão (às vezes insistentes) da própria família ou de amigos que se preocupam com ele. Não sabe muito bem o que faz ali. Está desconfiado e teme ouvir sermões moralistas. Geralmente não quer se abrir. Pode às vezes ser agressivo.

Ele próprio não está certo de querer receber ajuda da casa espírita. Deus, para ele, poderá ser uma criatura bitolada, rigorosa, repressora. A figura de Deus não é simpática. Neste caso é bastante difícil para o Atendente interessá-lo na sua própria melhora; todavia usando de sagacidade e perspicácia poderá ter sucesso.

Falar com o jovem simples e francamente, tentando fazer com que ele se desarme, dizendo o que o aflige será uma grande vitória. É claro que tudo irá depender da vontade do assistido. Forçar uma conversa recheada de termos de gíria própria da juventude, tais como: “ô meu, careta, brother, sacou”, etc por parte do Atendente, criará uma barreira maior ainda, pois os jovens perceberão a falsa posição do Atendente, (um adulto, geralmente, não usa estes termos).

Sinceridade e naturalidade, por parte do Atendente, ajudarão muito.



PROBLEMAS COMUNS AO JOVEM:

- Muito tempo conectado em redes sociais ou salas de jogos virtuais (isolado da convivência social presencial);
- Problemas na escola – de rendimento, de comportamento, de relacionamento com colegas e professores;
- Problemas de relacionamento com os pais;
- Falta de interesse em geral;
- Envolvimento com amizades nem sempre adequadas.

RELATOS COMUNS POR PARTE DOS PAIS:

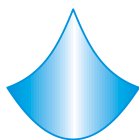
- Filho não quer fazer nada.
- Filho permanece trancado no quarto e conectado todo o tempo.
- Não estudam.
- Tem comportamento inadequado na escola.
- Pais são chamados na escola por diversas vezes para conversar a respeito do comportamento do filho.
- Jovens estão sempre irritados e discutem frequentemente com os pais e com os professores.
- Andam com amigos que nem sempre são boas companhias.
- Envolvem-se com drogas, inicialmente a maconha, alegando que não vicia.
- Muitas vezes saem e bebem com exagero.
- Pais relatam com apreensão que já tentaram tudo, incluindo apoio terapêutico, sem falar das restrições, das conversas, mas nada os tira da apatia ou da revolta e sempre contestam a ação dos pais, dizendo que eles (os jovens) estão certos.
- Há relatos, com alguma frequência, de abandono de estudos.

ALGUNS TRANSTORNOS PRESENTES NOS JOVENS:

- De humor – incluem as doenças depressivas, irritabilidade excessiva, perda de interesse em atividades, excesso ou perda de sono.
- Alimentares - não são apenas vaidade, são desvios de comportamento que podem levar o jovem a um grau extremo de emagrecimento (BULIMIA / ANOREXIA).
- Do uso de substâncias psicoativas.
- De ansiedade de forma generalizada, que podem abranger síndrome do pânico, fobias.
- Transtorno obsessivo-compulsivo (TOC)
- Psicóticos – alguns transtornos iniciam suas manifestações na adolescência, como a esquizofrenia. Há casos que alcançam a automutilação e as tentativas de suicídio.
- Transtorno do espectro autista (TEA)
- Estresse pós-traumático.

Observação importante:

Elencamos alguns transtornos com o único objetivo de enriquecer o Atendente Fraterno para que interaja com naturalidade quando o próprio jovem relata saber do seu transtorno. Alguns jovens chegam ao Atendimento Fraterno conscientes do seu problema, orientados pelos pais ou por profissionais que os acompanham, a buscarem assistência espiritual como forma de sustentação.



Seara Bendita

Instituição Espírita

ÁREA DE ENSINO - CURSO DE CAPACITAÇÃO
FORMAÇÃO DE ATENDENTES FRATERNOS - 2019

ENTREVISTA:

No início da entrevista, logo após colher os dados básicos do jovem assistido, estabelecer ligação firme com os mentores. Observar a partir daí todo o movimento que o assistido fizer como sinais, trejeitos. Esta observação poderá orientar o rumo da entrevista. É o que chamamos de linguagem “não verbal”. Se o Atendente conseguir que o jovem fale de sua vida, suas dúvidas, será ótimo. O mais provável é que ele se mantenha “fechado” competindo ao Atendente conduzir o diálogo. Perguntando, por exemplo, “da sua infância, dos seus sonhos, sua relação com os familiares, que tipo de amigos tem, etc. Tudo questionado com a preocupação de não parecer um interrogatório. Talvez já, nesta fase, ele consiga se soltar e diga o que o incomoda”.

Se o jovem tiver problemas com droga, álcool, etc., provavelmente se abrirá a respeito. Este é um problema que vem de fora para dentro. Se o problema for referente a condição sexual, ele dificilmente se abrirá.

Talvez dê a entender o que o atormenta e esperará que o Atendente o entenda e compreenda. Também agirá desta maneira se o problema for alguma doença mais grave.

POSTURA DO ATENDENTE FRATERO:

O Atendente cuidará da sua postura evitando:

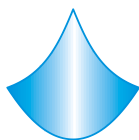
- Parecer superior
- Parecer evangelizador
- Parecer o paizão
- Parecer o “super atendente”
- Parecer o igual

Sugestões de postura do Atendente Fraterno:

- ✓ Demonstrar amor, compaixão.
- ✓ Manifestar empatia.
- ✓ Não julgar (não emitir opinião pessoal).
- ✓ Não apoiar (o erro) e nem reprovar.
- ✓ Sugerir dividir o problema com os pais, com irmão ou ainda com pessoa de sua confiança que possa auxiliar.
- ✓ Colocar o problema em nível espiritual, salientando nossa responsabilidade no agir.
- ✓ Sugerir consequências em nosso perispírito por conta de erros cometidos (se o jovem demonstrar algum conhecimento).
- ✓ Explicar a atração por afinidade no caso de meios de comportamento arriscados.
- ✓ Falar em Deus depois de perceber consideração por parte do jovem. Evita que ele associe a entrevista ao discurso moralista.

O ATENDIMENTO:

- ✓ Convidar/ sugerir/apresentar a oportunidade de frequentar as assistências. Impor, forçar, intimidar, pode não adiantar...
- ✓ Fazê-lo entender que ele próprio é responsável pelo seu problema e não seus pais, seu médico, seus amigos.
- ✓ Explicar que não existe “fórmula mágica” para o equilíbrio emocional, de relacionamento, de restabelecimento de saúde física, ou qualquer outro motivo de busca pelo atendimento. A melhora será produto da ajuda de Deus somada ao seu próprio esforço.
- ✓ Não esquecer que o jovem é um ser pensante (às vezes muito inteligente). Orientar não é



Seara Bendita

Instituição Espírita

ÁREA DE ENSINO - CURSO DE CAPACITAÇÃO
FORMAÇÃO DE ATENDENTES FRATERNOS - 2019

obrigá-lo a seguir as regras certas.

- ✓ Caso haja retorno do nosso jovem assistido ao Atendimento Fraterno, nossa postura na 2ª entrevista já será mais evangelizadora, mostrando a ele o poder da prece e fazendo com que ele entenda a necessidade da sua mudança interior.
- ✓ Quanto ao passe a ser ministrado, pediremos e seguiremos a inspiração do mentor.

A – A juventude no mundo globalizado:

É difícil compreender o mundo do adolescente sem considerar o grande impacto que os meios de comunicação fazem na sua vida. Como por exemplo, as conversas informais, diálogos públicos nas telecomunicações, o rádio; o cinema, a escrita impressa – livros, revistas, boletins, jornais, os meios eletrônicos – o computador, os vícios eletrônicos e, de um modo geral, aqueles que abrangem as diversas telefonias.

A TÃO DIFUNDIDA “ERA DIGITAL” É UM PARADOXO, POIS, AO MESMO TEMPO QUE NOS TROUXE INÚMEROS BENEFÍCIOS, TAMBÉM NOS DETERMINA MUITO MAIS CUIDADO, CAPACIDADE DE SELEÇÃO, DISCERNIMENTO E COMPREENSÃO DAS INFORMAÇÕES QUE RECEBEMOS.

B – O jovem e a Religião:

Na atualidade, tem chamado a atenção dos estudiosos o grande número de jovens “sem religião”.

Entretanto, muitos desses jovens acreditam em DEUS, mas rejeitam as religiões institucionalizadas, dogmas e tudo que se apresenta com caráter de certeza absoluta.

O adolescente de hoje vive em um mundo dinâmico e veloz, onde as informações das mais variadas fontes são acessíveis a todos de forma rápida e a custos razoáveis. Por isso, diante de tantas publicações científicas, páginas de internet, produções literária, revistas culturais, folhetins, textos e artigos filosóficos, ele vive em crise religiosa e pergunta: crença ou descrença – o que é mais saudável?

C – Distúrbios alimentares:

ALGUNS TRANSTORNOS ALIMENTARES, AO CONTRÁRIO DO QUE SE PENSA, NÃO SÃO APENAS CONSEQUENCIA DA VAIDADE; SÃO DESVIOS DO COMPORTAMENTO QUE PODEM LEVAR A UM GRAU EXTREMO DE EMAGRECIMENTO. É na adolescência, quando a personalidade ainda não está plenamente desenvolvida, que esse tipo de insanidade se transforma num pesadelo, exacerbado pelos padrões de perfeição e beleza a que os meios de comunicação dão especial destaque ou ênfase. Os jovens se sentem na obrigação de possuírem corpos primorosos, mesmo que para isso prejudiquem ou ponham em risco seu bem-estar e sua saúde física e psíquica.

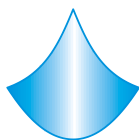
D – Um vôo de independência rumo à maturidade:

A melhor recompensa que os pais podem almejar pela educação que deram aos seus filhos adolescentes é precisamente vê-los capazes de desempenhar na sociedade a função que lhes cabe por direito, demonstrando independência e maturidade pessoal.

SER PAI E MÃE É CAMINHAR LADO A LADO DESSE ADOLESCENTE, SEM APEGO E SEM DAR PROTEÇÃO ACIMA DO NORMAL, PORÉM COM AS MÃOS ESTENDIDAS PARA QUE, SE ELE SINALIZAR QUE PRECISA DE AJUDA, POSSA SABER QUE BRAÇOS ABERTOS ESTÃO ALI À SUA DISPOSIÇÃO.

E – GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA

Gravidez na adolescência muda por completo o roteiro de vida da jovem mulher. Interrompe a fase juvenil, processo de desenvolvimento próprio da idade, fazendo com que assumam antes da O presente estudo organizado e compilado, sujeito à atualização, objetiva complementar conteúdo de Programa de Curso de Capacitação para Voluntários.



Seara Bendita

Instituição Espírita

ÁREA DE ENSINO - CURSO DE CAPACITAÇÃO
FORMAÇÃO DE ATENDENTES FRATERNOS - 2019

hora, responsabilidades e papéis da vida adulta. A insegurança é dupla: nem adolescente plena, nem adulta inteiramente.

Nunca foram tão divulgados os meios para evitar a gravidez como nos dias atuais e mesmo assim o número de pais jovens ainda imaturos é cada vez maior. Não podemos viver sem paixões, mas podemos administrá-las.

DAR EXCLUSIVAMENTE INFORMAÇÕES TÉCNICAS E CONSELHOS MORALISTAS AOS JOVENS NÃO BASTA. É NECESSÁRIO QUE SEJAM ACOLHIDOS E ORIENTADOS PRINCIPALMENTE NO LAR, QUE POSSAM FAZER PERGUNTAS, OPINAR E CONVERSAR COMO AMIGOS.

BIBLIOGRAFIA:

AAE - Apostila da Área de Assistência Espiritual – Apostila do Curso

ACDF- **Adolescência Causa da (IN) Felicidade** – Francisco do Espírito Santo Neto/ ditado pelo Espírito Ivan de Albuquerque 1ª Edição

A seguir, anexamos material informativo para melhor capacitar o Atendente Fraterno que dialoga com o jovem ou que ouve o relato dos pais a respeito do jovem, com fonte de pesquisa citada ao final.

TRANSTORNOS MENTAIS NA ADOLESCÊNCIA

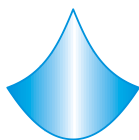
A Adolescência é um período de intensas atividades e transformações na vida mental do indivíduo, o que, por si só, leva a diversas manifestações de comportamento que podem ser interpretadas por leigos como sendo doença. Assim sendo, muitas das manifestações ditas normais da adolescência podem se confundir com doenças mentais ou comportamentos inadequados.

Exemplo disso é o uso de drogas, que pode constituir-se em um caso de dependência, mas também pode constituir-se em um simples comportamento de experimentação da vida. Temos de ter o cuidado inicialmente de avaliar bem o comportamento de um adolescente, antes de se garantir a existência ou não de um transtorno mental. Para tanto é necessário se conhecer um pouco acerca do que chamamos de "adolescência normal".

Adolescência Normal

A adolescência é a fase da vida em que a pessoa se descobre como indivíduo separado dos pais. Isso gera um sentimento de curiosidade e euforia, porém também gera sentimentos de medo e inadequação. Um adolescente está descobrindo o que é ser adulto, mas não está plenamente pronto para exercer as atividades e assumir as responsabilidades de ser adulto. Assim sendo ele procura exemplos, de pessoas próximas ou não - ídolos artísticos ou esportivos, entre outros - para construir seu caráter e seu comportamento.

Também é visível a necessidade do adolescente de contrariar a vontade ou as ideias dos pais. Esse comportamento opositor aos pais acontece em decorrência da necessidade do adolescente de separar-se dos pais, ser diferente deles, para construir sua própria identidade como pessoa. Ao mesmo tempo, o adolescente pode não se ver capaz ainda de se separar desses pais, gerando então nele um sentimento de medo. De um lado a necessidade de separar-se dos pais para ser um indivíduo diferente e de outro lado a dificuldade de assumir a posição adulta (com suas responsabilidades e desejos) levam o adolescente a uma fase de intensa confusão de sentimentos, com uma constante mudança de opiniões e metas, e com um comportamento bastante impulsivo.



Embora haja grande quantidade de conhecimento existente hoje sobre esse assunto, é necessário alertar que muitos dos comportamentos atípicos manifestados pelos adolescentes podem apenas ser uma busca por sua identidade, e não uma doença mental específica.

Cabe também lembrar que muitas vezes os adolescentes necessitam de ajuda profissional nesse processo de "ser adulto", o qual, mesmo não se constituindo em doença mental, pode constituir-se em sofrimento para o adolescente, podendo ele beneficiar-se, e muito, de intervenções psicológicas.

Dentre os transtornos mais comuns vistos na adolescência, destacam-se os seguintes:

Transtornos do Humor

É o grupo onde se incluem as doenças depressivas, de certo modo comuns na adolescência, acompanhadas das mais diversas manifestações.

Transtornos Alimentares

Onde se incluem a Bulimia (ataques de "comer" compulsivo seguidos, muitas vezes, do ato de vomitar) e Anorexia (diminuição intensa da ingestão de alimentos).

Transtornos do Uso de Substâncias Psicoativas

O uso de drogas, como é conhecido, é um tipo de alteração de comportamento bastante visto na adolescência. A dependência de drogas, que é o transtorno mais grave desse grupo, manifesta-se pelo uso da substância associado a uma necessidade intensa de ter a droga, ausência de prazer nas atividades sem a droga e busca incessante da droga, muitas vezes envolvendo-se em situações ilegais ou de risco para se conseguir a mesma (roubo e tráfico).

Transtornos de Conduta

Caracterizam-se por comportamentos repetitivos de contrariedade a normas e padrões sociais, conduta agressiva e desafiadora. Constitui-se em atitudes graves, sendo mais do que rebeldia adolescente e travessuras infantis normais. Essas pessoas envolvem-se em situações de ilegalidade e violações do direito de outras pessoas.

Transtornos de Ansiedade

Os transtornos de ansiedade incluem desde a ansiedade de separação e a fobia escolar, condições que ocorrem quase que exclusivamente na infância, até o transtorno obsessivo compulsivo, transtorno de ansiedade generalizada, estresse pós-traumático, síndrome do pânico e fobias.

Pessoas que vivem com um grau muito intenso de ansiedade, chegando a ter prejuízos no seu funcionamento, por exemplo, social, em decorrência dessa ansiedade.

Transtornos Psicóticos

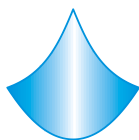
Nessa fase da vida muitos transtornos psicóticos, por exemplo a esquizofrenia, iniciam suas manifestações. Esses transtornos são graves, muitas vezes necessitam internação hospitalar e são caracterizados por comportamentos e pensamentos muito bizarros e distorcidos frente a realidade.

Colaboradoras: Dra. Alice Sibile Koch / Dra. Dayane Diomário da Rosa / Título: Transtornos Mentais na Adolescência
Link : <https://www.abcdasaude.com.br/psiquiatria/transtornos-mentais-na-adolescencia> | Data de Acesso : 25/04/2017 -
Código do Conteúdo : Artigo 424 | Palavras-Chave : Transtornos Mentais na Adolescência - Psiquiatria - Drogas , adolescência , comportamento , Transtornos Alimentares , doença mental , Transtornos do Humor , álcool , antidepressivos , Transtornos Alimentares , Bulimia , Anorexia , Transtornos de Conduta , esquizofrenia .

SUICÍDIO

O suicídio é considerado pelo Ministério da Saúde como um problema de saúde pública, tirando a vida de uma pessoa por hora no Brasil, mesmo período no qual outras três tentaram se matar sem sucesso.

O presente estudo organizado e compilado, sujeito à atualização, objetiva complementar conteúdo de Programa de Curso de Capacitação para Voluntários.



Seara Bendita

Instituição Espírita

ÁREA DE ENSINO - CURSO DE CAPACITAÇÃO
FORMAÇÃO DE ATENDENTES FRATERNOS - 2019

Trata-se de um problema que se pode prevenir na grande maioria das vezes e esse é um dos maiores esforços do CVV. O estudo e a discussão do tema suicídio é uma das formas mais eficientes de se promover a prevenção, pois esta só é possível quando a população, os profissionais da saúde, os jornalistas e governantes têm informações suficientes para conduzir as medidas adequadas e ao seu alcance nessa frente.

O CVV assumiu como tarefa, desde a sua criação, estimular essa discussão, ação esta que passou a merecer mais empenho nesses últimos anos.

Reunimos aqui textos, estudos e discussões a respeito do tema. Queremos a sua colaboração, seja você um pesquisador, profissional da saúde, educador, pessoa impactada diretamente pelo problema ou, simplesmente, um interessado pela vida humana.

[Falando Abertamente sobre Suicídio](#) (folheto voltado para jovens e adolescentes elaborado pelo CVV).

FALANDO ABERTAMENTE SOBRE SUICÍDIO

As razões podem ser bem diferentes, porém muito mais gente do que se imagina já teve uma intenção em comum. Segundo estudo realizado pela Unicamp, 17% dos brasileiros, em algum momento, pensaram seriamente em dar um fim à própria vida e, desses, 4,8% chegaram a elaborar um plano para isso. Na maioria das vezes, no entanto, é possível evitar que esses pensamentos suicidas virem realidade.

A primeira medida preventiva é a educação: é preciso deixar de ter medo de falar sobre o assunto, derrubar tabus e compartilhar informações ligadas ao tema. Como já aconteceu no passado, por exemplo, com doenças sexualmente transmissíveis ou câncer, a prevenção tornou-se realmente bem-sucedida quando as pessoas passaram a conhecer melhor esses problemas. Saber quais as principais causas e as formas de ajudar pode ser o primeiro passo para reduzir as taxas de suicídio no Brasil, onde hoje 25 pessoas por dia tiram a própria vida. Por isso, é essencial deixar os preconceitos de lado e conferir alguns dados básicos sobre o assunto.

MOMENTO DE DERRUBAR TABUS : 25 BRASILEIROS MORREM POR DIA VÍTIMAS DE SUICÍDIO EM UMA SALA COM 30 PESSOAS, 5 DELAS JÁ PENSARAM EM SUICÍDIO

1. COMO PODEMOS DEFINIR O SUICÍDIO?

Suicídio é um gesto de autodestruição, realização do desejo de morrer ou de dar fim à própria vida. É uma escolha ou ação que tem graves implicações sociais. Pessoas de todas as idades e classes sociais cometem suicídio. A cada 40 segundos uma pessoa se mata no mundo, totalizando quase um milhão de pessoas todos os anos. Estima-se que de 10 a 20 milhões de pessoas tentam o suicídio a cada ano. De cada suicídio, de seis a dez outras pessoas são diretamente impactadas, sofrendo sérias consequências difíceis de serem reparadas.

2. O QUE LEVA UMA PESSOA A SE MATAR?

Vários motivos podem levar alguém ao suicídio. Normalmente, a pessoa tem necessidade de aliviar pressões externas como cobranças sociais, culpa, remorso, depressão, ansiedade, medo, fracasso, humilhação etc.

3. COMO SE SENTE QUEM QUER SE MATAR?

No momento em que tem ideias suicidas, a pessoa combina dois ou mais sentimentos ou ideias conflituosos. É um estado interior chamado de ambivalência. Ela busca atenção por se sentir esquecida ou ignorada e tem a sensação de estar só – uma solidão sentida como um isolamento insuportável. Muita gente tem um desejo de revide ou imposição do mesmo sentimento negativo aos outros, querendo que sintam o mesmo que ela. Outras pessoas sentem vontade de desaparecer, fugir ou de ir para um lugar ou situação melhor. Quase sempre, sentem uma necessidade de alcançar paz, descanso ou um final imediato aos tormentos que não terminam.

4. O SENTIMENTO E O IMPULSO SUICIDAS SÃO NORMAIS?

Pensar em suicídio é uma coisa que faz parte da natureza humana, e é estimulada pela possibilidade de escolha. O impulso também é uma reação natural, porém é mais comum nas pessoas que estão exaustas por dentro e emocionalmente fragilizadas diante de situações que despertam possibilidade de suicídio.

5. QUEM SE MATA MAIS: MENINOS OU MENINAS?

Os meninos normalmente se matam mais, embora elas tentem mais vezes do que os meninos. Essa tendência também acompanha os adultos, por causas culturais relacionadas a costumes e preconceitos sociais.

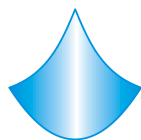
6. O SUICÍDIO ESTÁ VINCULADO A ALGUMA DOENÇA MENTAL?

O suicídio resulta de uma crise de duração maior ou menor, que varia de pessoa para pessoa. Não está necessariamente ligado a uma doença mental, mas sim a um momento crítico que pode ser superado. As pessoas correm menos risco de se matar quando aceitam ajuda.

SUICÍDIO A CADA 40 SEGUNDOS PENSAR EM SUICÍDIO FAZ PARTE DA NATUREZA HUMANA

7. PESSOAS QUE AMEAÇAM SE MATAR PODEM DESISTIR DA IDEIA?

O presente estudo organizado e compilado, sujeito à atualização, objetiva complementar conteúdo de Programa de Curso de Capacitação para Voluntários.



Seara Bendita

Instituição Espírita

ÁREA DE ENSINO - CURSO DE CAPACITAÇÃO FORMAÇÃO DE ATENDENTES FRATERNOS - 2019

Sim, podem. Ao receber ajuda preventiva ou oferta de socorro diante de uma crise, elas podem reverter a situação ao colocar para fora seus sentimentos, ideias e valores, alterando, assim, seu estado interior. Essa ajuda pode vir de pessoas comuns, ligadas a organizações voluntárias como o CVV, que se dedicam à prevenção do suicídio – são voluntários que têm um papel importante ao ouvir quem estiver passando por um momento de desespero. O apoio pode vir também de profissionais, contribuição muitas vezes indispensável, especialmente nos casos de descontrole. Essas duas possibilidades de ajuda são reconhecidas no mundo inteiro, pois apresentam bons resultados.

8. AS PESSOAS QUE TENTAM SUICÍDIO PEDEM SOCORRO?

Sim, é frequente pedir ajuda em momentos críticos, quando o suicídio parece uma saída. A vontade de viver aparece sempre, resistindo ao desejo de se autodestruir. De forma inesperada, as pessoas se veem diante de sentimentos opostos, o que faz com que considerem a possibilidade de lutar para continuar vivendo. Encontrar alguém que tenha disponibilidade para ouvir e compreender os sentimentos suicidas fortalece as intenções de viver.

9. QUEM ESTÁ POR PERTO PODE AJUDAR? COMO?

É preciso perder o medo de se aproximar das pessoas e oferecer ajuda. A pessoa que está numa crise suicida se percebe sozinha e isolada. Se um amigo se aproximar e perguntar “tem algo que eu possa fazer para te ajudar?”, a pessoa pode sentir abertura para desabafar. Nessa hora, ter alguém para ouvi-la pode fazer toda a diferença. E qualquer um pode ser esse “ombro amigo”, que ouve sem fazer críticas ou dar conselhos. Quem decide ajudar não deve se preocupar com o que vai falar. O importante é estar preparado para ouvir.

QUEM TENTA SUICÍDIO, PEDE AJUDA TEM ALGO QUE EU POSSO FAZER PARA TE AJUDAR?

10. COMO O SUICÍDIO É VISTO PELA SOCIEDADE?

O suicídio foi e continua sendo um tabu entre a maioria das pessoas. É um assunto proibido e que agride várias crenças religiosas. O tabu também se sustenta porque muitos veem o suicida como um fracassado. Por outro lado, os homens, por natureza, não se sentem confortáveis para falar da morte, pois isso expõe seus limites e suas fraquezas. Esse tabu piora a situação de muitos. Muitas vezes, mesmo aqueles que seguem religiões que condenam o suicídio não conseguem respeitar suas crenças e acabam dando fim à própria vida.

11. O MUNDO ATUAL TEM INFLUÊNCIA NO NÚMERO DE SUICÍDIOS?

As estatísticas mostram que o suicídio cresce não somente por questões demográficas e populacionais, mas também por problemas sociais que prejudicam o bem-estar de cada um e que estimulam a autodestruição. Nossa sociedade vive com diversas situações de agressão, competição e insensibilidade. Campo fértil para que transtornos emocionais se desenvolvam. O antídoto para combater essa situação limita-se, no momento, ao sentimento humanitário que algumas pessoas têm.

12. QUAIS AS ESTATÍSTICAS SOBRE SUICÍDIO NO BRASIL?

A média brasileira é de 6 a 7 mortes por 100 mil habitantes, bem abaixo da média mundial – entre 13 e 14 mortes por 100 mil pessoas. Mas o que preocupa é que, enquanto a média mundial permanece estável, esse número tem crescido no Brasil. E a maior porcentagem de suicídios é registrada entre jovens.

13. O SUICÍDIO PODE SER PREVENIDO?

Sim. Segundo a OMS – Organização Mundial de Saúde, 90% dos casos de suicídio podem ser prevenidos, desde que existam condições mínimas para oferta de ajuda voluntária ou profissional. No Brasil, o CVV – rede voluntária de prevenção – atua nesse sentido há mais de 50 anos. Recentemente, foi iniciado um movimento de políticas públicas para traçar planos integrados de prevenção.

14. QUEM OFERECE AJUDA PARA PESSOAS COM INTENÇÃO DE SE MATAR?

As pessoas que precisam de ajuda podem recorrer ao CVV, grupo de voluntários que oferecem apoio emocional gratuito. E já existem programas de saúde pública que oferecem esse serviço em algumas regiões do país. Há, portanto, uma ampla rede de apoio voluntário por meio de telefonia, internet e atendimento presencial. O CVV atende por telefone, chat, Skype, e-mail e pessoalmente, além de realizar atendimentos especiais em casos de eventos e catástrofes. Somos um grupo de 2.200 voluntários treinados para ouvir e compreender pessoas que estão abaladas emocionalmente e que correm sério risco de vida.

90% DOS SUICÍDIOS PODEM SER PREVENIDOS

Fonte: <http://www.cvv.org.br/conheca-mais-suicidio.php> / www.cvv.org.br

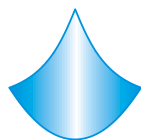
CENTRO DE VALORIZAÇÃO DA VIDA - PROGRAMAS DE PREVENÇÃO DO SUICÍDIO E SAÚDE MENTAL

Cresce alerta para automutilação entre crianças e adolescentes no Brasil

SÃO PAULO - “O que está doendo tanto em você para fazer isso?” Foi o que a aposentada Maria, de 40 anos, perguntou para Bárbara (nomes fictícios) quando viu cortes no braços da filha, de 11. “A dor dela era se achar tão inferior que não merecia carinho de ninguém.” Cada vez mais comuns entre crianças e adolescentes, as automutilações trazem à tona feridas emocionais de meninos e meninas e mobilizam escolas em planos de intervenções e ações preventivas.

Depois de terapia e a aposta em um esporte novo, aos poucos os cortes deram lugar às cicatrizes nos braços de

O presente estudo organizado e compilado, sujeito à atualização, objetiva complementar conteúdo de Programa de Curso de Capacitação para Voluntários.



Seara Bendita

Instituição Espírita

ÁREA DE ENSINO - CURSO DE CAPACITAÇÃO FORMAÇÃO DE ATENDENTES FRATERNOS - 2019

Bárbara, mas a menina ainda vê colegas da mesma idade que passam pelo problema. O Brasil não tem dados específicos sobre o número de jovens que se automutilam. Nos corredores dos colégios e consultórios, porém, a sensação é de aumento.

A escola é vista por autoridades e especialistas com um papel central na identificação dos casos – parte ocorre dentro das unidades e com objetos cortantes de uso cotidiano dos estudantes. Mas, em meio a uma série de outros desafios ligados à aprendizagem e falta de recursos, os colégios ainda precisam superar tabus e a falta de formação de seus profissionais para lidar com o tema.

Professora do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP), Leila Tardivo observa, além do aumento, uma mudança no perfil. “Era mais entre mulheres acima de 20 anos, pessoas com problemas psiquiátricos. Agora, acontece em pessoas mais jovens, de 12, 13, 14 anos.” As meninas são maioria, mas a prática também ocorre entre os meninos.

Raramente há intenção de causar a morte. “Os adolescentes se machucam até para não se suicidar. Muitos dizem que a dor no braço é menor do que a tristeza”, diz Leila, que, com uma equipe da USP e pesquisadores da Universidade de Sevilla, na Espanha, participa de ações preventivas em escolas públicas de São Paulo.

Automutilação está ligada a frustrações e depressão

Para ela, o contágio pelas redes sociais – há jovens que publicam as lesões na internet e páginas que incentivam a prática – ajuda a explicar o fenômeno, mas não é a única causa. “A automutilação está ligada a frustrações, à depressão.” Os casos também podem vir após violência em casa, bullying e abandono. O tratamento inclui psicoterapia e, em geral, não dura menos de um ano.

Espaços como o ambulatório do Instituto de Psiquiatria (IPq) do Hospital das Clínicas da USP se especializaram no assunto. Jovens com histórico de autolesões começaram a chegar em 2013 e não pararam mais. “Hoje, temos mais adolescentes com automutilação do que uso de drogas no ambulatório”, diz a psiquiatra do IPq Jackeline Giusti, que também tem recebido ligações de escolas em dúvida sobre como agir.

Foi depois da demanda de colégios que uma equipe do Departamento de Psicologia da Universidade Federal Fluminense (UFF) passou a estudar questões emocionais e afetivas relacionadas à automutilação entre adolescentes.

Para Antônio Augusto Pinto Júnior, professor da UFF, chama a atenção o número de jovens encaminhados pelas escolas de Volta Redonda, no Rio, onde o projeto é realizado: mais de dez em cada colégio. “Que problema é esse que está acontecendo com os jovens que eles precisam usar uma conduta autoagressiva para dar conta de suas questões?”, indaga.

A interrogação também ecoa entre professores e pais – que fazem parte de uma geração em que essa prática era menos comum. “Fiquei desesperada porque nunca imaginei que existisse isso”, conta Laís, de 37 anos, alertada pelo colégio de que o filho, aos 14, estava machucando os pulsos. Após terapia e o olhar atento da mãe, as lesões cessaram.

Para Gustavo Estanislau, psiquiatra da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), ainda é comum que as escolas reajam diante de casos de autolesão ou com susto excessivo ou banalização. Ele defende a abertura ao diálogo e o acompanhamento profissional.

“Temos de ter cuidado para não sobrecarregar o educador, mas fortalecê-lo para identificar e fazer ao menos o primeiro movimento de encaminhar ao orientador”, diz ele, que faz parte do projeto *Cuca Legal*, de formação de professores.

PRESTE ATENÇÃO

1. Feridas. A automutilação tem se tornado mais comum, mas não deve ser banalizada. Ela pode indicar dificuldades emocionais.
2. Comportamento. Fique atento a mudanças de humor e isolamento. O uso de mangas compridas no calor pode indicar uma tentativa de esconder lesões.
3. Apoio. Caso identifique a situação, acolha o adolescente, escute os motivos e evite repreendê-lo. Procure ajuda profissional.

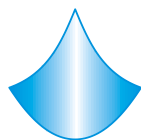
<https://saude.estadao.com.br/noticias/geral.cresce-alerta-para-automutilacao-entre-criancas-e-adolescentes-no-brasil,70002815855>

A empatia na prevenção do bullying

Cada vez mais neurocientistas, psicólogos e educadores acreditam que o bullying e outros tipos de violência podem ser realmente reduzidos se a empatia for desenvolvida nas crianças desde o início da infância. Ao longo da última década a investigação na área da empatia - habilidade para nos colocarmos no “lugar” dos outros - sugere que esta é uma das habilidades chave, senão a chave, para todas as mais importantes interações sociais humanas.

Tal como a linguagem, o desenvolvimento da empatia pode ser desenvolvida por experiências precoces.

O presente estudo organizado e compilado, sujeito à atualização, objetiva complementar conteúdo de Programa de Curso de Capacitação para Voluntários.



Seara Bendita

Instituição Espírita

**ÁREA DE ENSINO - CURSO DE CAPACITAÇÃO
FORMAÇÃO DE ATENDENTES FRATERNOS - 2019**

"Em vez de se partir do pressuposto de que é necessário vencer o mau comportamento da criança, deve-se focar no desenvolvimento da empatia e da compaixão dessa criança", diz Dacher Keltner, professor de Psicologia da Universidade da Califórnia, Berkeley.

Em outras palavras, desde cedo devemos começar a ensinar as crianças como compreender os seus comportamentos e sentimentos. O autoconhecimento é ferramenta básica para a criança ser capaz de compreender os comportamentos e os sentimentos dos outros também.

Por exemplo, quando se lida com uma criança que magoou outra, deve-se ajudá-la a compreender a forma como estava se sentindo no momento em que magoou o outro, segundo Gordon, fundador da Roots of Empathy. O truque é ajudar as crianças a descrever como se sentem, para que da próxima vez que sintam um sentimento perturbador, tenham linguagem para se expressar.

Quando as crianças são capazes de compreender os seus próprios sentimentos, elas tornam-se mais capazes de entender que a outra pessoa também foi magoada por ter sido agredida - este "entendimento" é a ignição para a mudança no comportamento.

Instituto para aprendizagem social e emocional

<https://www.iasea.org.br/a-empatia-na-prevencao-do-bullying>

Por que a empatia pode prevenir o bullying?

Parceria escola e família traz bons resultados Por Bom Jesus 21/09/2018 14h45

Certamente você já ouviu falar sobre empatia. Mas o que exatamente isso significa e como ela pode ser uma ferramenta importante para evitar que o bullying aconteça? "A empatia leva as pessoas a ajudarem umas às outras. Ter empatia não significa sentir a dor do outro, mas reconhecê-la pelo olhar daquele que, de fato, a está sentindo. Está ligada à vontade de compreender e conhecer o outro verdadeiramente, sem julgamento, crítica ou preconceito", conta Cássia Wicthoff, psicóloga do Departamento de Saúde Escolar do Colégio Bom Jesus. Para ela, quanto mais a capacidade empática for desenvolvida, mais chances há de reconhecer atitudes inadequadas que provocam sofrimento alheio e mudar de comportamento. E é por isso que exercitar a empatia deve ser algo feito já nos primeiros anos de vida da criança.

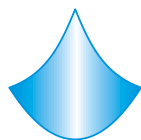
Neste cenário, os adultos devem ficar atentos às experiências sociais corriqueiras vividas pelas crianças e interferir e levar à reflexão sobre o impacto que suas atitudes têm sobre o outro e vice-versa. "Com as crianças pequenas, por exemplo, algumas ações, como conversar sobre o que acontece com elas quando disputam o mesmo brinquedo ou quando uma criança empurra o coleguinha, pensar como cada uma se sentiu, pedir desculpas e dar a oportunidade para que o coleguinha se expresse, são exemplos de ações singelas, mas de grande importância no trabalho com crianças para o desenvolvimento das habilidades sociais (ou socioemocionais) e especialmente da empatia", avalia Cássia. A psicóloga acredita que estimular nas crianças a capacidade de se colocar no lugar do outro, percebendo e se solidarizando ao sofrimento alheio é uma condição necessária para minimizar a ocorrência do bullying.

No que diz respeito às escolas, os especialistas são unânimes em afirmar que o bullying ocorre em todas, independentemente de idade ou classe social. "O que muda é a forma como o assunto é abordado em cada uma", comenta o Dr. José Francisco Klas, coordenador do Departamento de Saúde Escolar e organizador do Programa de Prevenção ao Bullying e do Programa de Desenvolvimento de Habilidades Socioemocionais do Colégio Bom Jesus. A forma de abordagem de uma instituição na prevenção e no combate ao bullying pode representar a mola propulsora para a redução desse fenômeno no ambiente escolar. A elaboração de um programa estruturado de prevenção ao bullying é fundamental para minimizar sua ocorrência.

Alguns pontos importantes são:

- Informar toda a comunidade escolar – professores, alunos, familiares e direção – sobre o fenômeno bullying, incluindo sua definição, características e consequências.
- Oferecer subsídios para as medidas de prevenção ao bullying na escola.
- Detalhar o perfil habitual dos envolvidos em situações de bullying (alvo, autor, testemunha e/ou espectador), permitindo que se possa identificá-los e ajudá-los.
- Propor uma forma de abordagem das situações suspeitas ou confirmadas de bullying e de seus envolvidos.

O presente estudo organizado e compilado, sujeito à atualização, objetiva complementar conteúdo de Programa de Curso de Capacitação para Voluntários.



Família contra o bullying

Em casa, algumas ações podem auxiliar os pais na hora de estimular a empatia das crianças. Veja as orientações da psicóloga:

1. Pare para ouvir: na correria do dia a dia, muitas vezes, conversamos uns com os outros ao mesmo tempo em que estamos fazendo mil coisas. Parar o que estamos fazendo para ouvir com atenção uma criança, independentemente da idade dela e do assunto que quer falar, mostrará a ela que conversar é importante e, principalmente, que o que ela fala e expressa tem valor. Poder se expressar facilitará o entendimento e o reconhecimento da necessidade da expressão do outro.
2. Seja empático: reconheça a coerência e a seriedade do que a criança está demonstrando, veja a situação “pelo olhar dela” e faça comentários como: “eu entendo o que você está sentindo” ou “eu também me sinto frustrado quando quero muito uma coisa e não consigo”. Perceber que seus sentimentos podem ser compreendidos e validados poderá facilitar a percepção e a compreensão dos sentimentos do outro.
3. Simule situações: quando a criança falar sobre um conflito ocorrido com um colega, por exemplo, incentive-a a se colocar no lugar do amigo: “se isso acontecesse com você, o que você faria?”.
4. Valorize o respeito às diferenças: colocar-se no lugar do outro fica muito mais fácil quando a criança sabe perceber, entender e respeitar as diferenças.

Programa de Desenvolvimento de Habilidades Sociais

Para auxiliar no desenvolvimento emocional de seus alunos, o Grupo Educacional Bom Jesus possui um Programa de Desenvolvimento de Habilidades Sociais, no qual são abordados diferentes tópicos de acordo com a faixa etária e fase de cada criança. Na Educação Infantil e 1º ano do Ensino Fundamental, por exemplo, o teatro de fantoches é uma ferramenta para falar sobre noções iniciais de resolução de problemas, autocontrole e estratégias para a inclusão de alunos novos e como agir diante de provocações ou de apelidos.

Ao longo do Fundamental I, as crianças seguem trabalhando a resolução de problemas, bem como a compreensão das diferenças, a expressão de sentimentos, a importância do respeito, entre outros. No Fundamental II, são trabalhados os temas: como agir diante de provocações dos colegas, como agir de forma assertiva nas relações com colegas, pais e professores, como agir caso sintam-se excluído por um grupo, como resistir à pressão dos pares para praticar cyberbullying e para enviar imagens íntimas (sexting), entre outros. Em todas as fases, o tema “Empatia como prevenção ao bullying” faz parte das discussões.

De acordo com Cássia Wicthoff, desde o início do trabalho, houve diminuição da ocorrência de comportamentos inadequados no ambiente escolar e maior atuação dos próprios alunos na observação e identificação de situações suspeitas de bullying. Novos alunos passaram a se adaptar melhor à escola e alunos com necessidades educacionais especiais foram incluídos com mais facilidade.

<https://g1.globo.com/pr/parana/especial-publicitario/bom-jesus/guia-dos-pais/noticia/2018/09/21/por-que-a-empatia-pode-prevenir-o-bullying.ghtml>

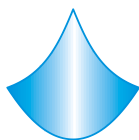
Se reconhecer como mãe de adolescente é uma conversa possível

POR CAROLINA DELBONI 13/05/2019,

Sexta-feira última, a convite do RH do Grupo Estado, participei de uma palestra no jornal sobre a Maternidade Real. A possibilidade de poder dividir um pouco do que a gente sabe e viveu (vive) é tão grandiosa e valiosa que fiquei com vontade de estendê-la aqui, aos leitores e leitoras. Pra gente criar possibilidades das conversas não se esgotarem num evento, num acontecimento.

.....Mas precisa olhar para a mãe do adolescente. Olhar essa figura que foi tão cuidada quando era mãe de primeira viagem e agora parece viver ao limbo. A gente tem muitos grupos e muitas rodas de conversas sobre bebês, mães de bebês, mães de primeira viagem... e parece que quando passa dessa primeira fase mais “assustadora”, já pode “abandonar” essa mãe e seguir. Mas não. Mãe de adolescente também precisa ser acolhida, também precisa de rodas de conversa e precisa de grupos. Porque as angústias são muitas e se reconhecer na história do outro é vital.

É preciso reconstruir as redes de relações da infância. Se reconectar aos grupos de mães, ainda que seja pelo whatsapp. E é preciso, também, se reconectar aos filhos. Entender que eles cresceram é fundamental



Seara Bendita

Instituição Espírita

ÁREA DE ENSINO - CURSO DE CAPACITAÇÃO
FORMAÇÃO DE ATENDENTES FRATERNOS - 2019

para essa relação de sucesso. E isso só é possível que você for capaz de ver seu filho ou filha como alguém competente para ser responsável e autônomo. E isso começa na infância. Começa quando nossos filhos são pequenos e a gente olha aquele serzinho se equilibrando nas próprias pernas e confia que ele será capaz de andar sozinho. Ou quando a gente vê aquelas perninhas se esticarem pra subir uma escada e a gente acredita e confia que eles serão capazes sozinhos. Construir relações autônomas e de confiança podem ajudar muito a viver a adolescência. E isso não está em livros ou manual.

... Como a gente conhece um adolescente? Como a gente descobre como lidar com ele? Olhando para o próprio filho. A psicóloga Sandra Stirbulov tem um exercício muito bacana pra isso. Ele pede que mães e pais fechem os olhos enquanto ela faz perguntas do tipo: qual a cor do cabelo do teu filho? Como ele anda? Como ele ri? Como ele fica bravo? Em que circunstância fica? E assim por diante. Os pequenos sorrisos dos pais fazendo o exercício denunciam o conhecimento claro que eles têm sobre seus filhos. E quando a Sandra pede para que abram os olhos depois de uns 30min de exercício, está ali a melhor resposta e o melhor livro de conhecimento sobre quem são os adolescentes. Somos nós quem sabemos quem eles são e como lidar com eles. Não está nos livros, não está na boca de nenhum especialista. Está nas nossas histórias. Nesse compartilhar enorme que tem aqui, entre nós.

Sabe outro jeito de saber mais sobre a adolescência? Se interessando pelo que vem deles e pelo que é deles. Música, séries, YouTubers, filmes... Achar ruim e reclamar de tudo que vem deles é dos maiores erros que a gente pode fazer. As músicas que eles curtem não são as que a gente curte. Os ídolos deles não são os nossos. Os canais deles de comunicação não são os mesmos. E se a gente continuar insistindo de que “na nossa época não era assim”, estamos perdidos! E daí perdemos eles. E não é que perdemos o controle sobre eles, perdemos o vínculo com eles. Perdemos o diálogo. O que é muito pior.

Não adianta querer mandar no adolescente. Dizer a ele “não porque eu estou mandando” é quase que uma burrada. A gente precisa aprender a mudar os termos. Trocar as palavras para poder trocar os sentidos delas. É ressignificar o ser mãe. Trocar “eu mando” por “senta aqui, vamos conversar”. Trocar o “não pode” por “ok, vamos entender o porquê”. Trocar o “é proibido” por “ok, mas vamos acordar o tempo”. A gente precisa escolher quais brigas comprar, porque não podem ser todas. Desgasta, como qualquer relação.

Meu filho vai ter conta no Instagram? Pode ser que sim, pode ser que não, mas até tal idade eu também preciso ter a senha. E ele vai saber que, de vez em quando, você vai olhar. Porque isso vai ser combinado entre vocês. E pode ter tempo de uso também. De quantas horas você achar ideal por dia ou final de semana. Agora se você não colocou esse limite na infância e liberou o ipad na mesa do restaurante provavelmente terá mais dificuldades de impor esse limite na adolescência.

E lembre-se: combinado é combinado. Vale para o adolescente e para você também. ...

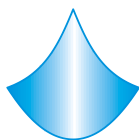
A construção do mundo particular deles é essencial. A gente orienta, fala, traz boas referências para as conversas, mas nunca espia pelo buraco da fechadura. Adolescente precisa ser olhado sim, mas não pelo buraco da fechadura. Precisa de olho nos olhos, de carinho. De respeito e confiança. Porque se reconhecer como mãe de adolescente é uma conversa possível.

<https://emails.estadao.com.br/blogs/kids/se-reconhecer-como-mae-de-adolescente-e-uma-conversa-possivel/>

ONU alerta para alto índice de gravidez na adolescência no Brasil

A taxa nacional, de 62 adolescentes grávidas para cada grupo de mil na faixa etária entre 15 e 19 anos, é maior que a média mundial. A Organização das Nações Unidas divulgou hoje (10/4) relatório a respeito dos direitos relativos à saúde sexual e reprodutiva das populações. Em relação ao Brasil, um dos principais alertas feitos pela organização mundial diz respeito a elevada incidência de gravidez na adolescência.

Em 20 anos: 13 milhões de crianças e adolescentes engravidaram no país



Seara Bendita

Instituição Espírita

ÁREA DE ENSINO - CURSO DE CAPACITAÇÃO
FORMAÇÃO DE ATENDENTES FRATERNOS - 2019

No Brasil, a taxa é de 62 adolescentes grávidas para cada grupo de mil jovens do sexo feminino na faixa etária entre 15 e 19 anos. O índice é maior que a taxa mundial, que corresponde a 44 adolescentes grávidas para cada grupo de mil.

Érica Montenegro 10/04/2019 <https://www.metropoles.com/saude/onu-alerta-para-alto-indice-de-gravidez-na-adolescencia-no-brasil>

CONCLUSÃO:

Os pais devem aprender a aceitar os filhos como estes são e não formar expectativas de sucesso ou modelos idealizados, tentando fazê-los perder a condição juvenil, julgando-os como semideuses, ou mesmo enquadrando-os como heróis ou gênios.

...

Para as crianças e adolescentes é muito melhor a franqueza, aceitação, amizade e o respeito dos pais, do que serem por eles rotulados de super-homens.

...

Na verdade, todo filho busca no lar o afeto real.

...

A aceitação dos filhos pelos pais, sem expectativas de êxito ou triunfo, é como a água que rega o botão nascente sem a qual ele murcharia, pela incapacidade de desabrochar e desenvolver. A aceitação da parentela constrói a autoconfiança juvenil, dando à criança e ao jovem um sentimento de segurança e motivação, fatores indispensáveis para vencer as diferenças e contendas na vida social.

Nessa linha de raciocínio, concluímos que a falta de amadurecimento e o mau desenvolvimento emocional dos jovens seres humanos não é responsabilidade exclusiva da dinâmica familiar ou de atitude dos pais, mas devemos ponderar igualmente as “fragilidades íntimas e inconsistências de valores” próprias do espírito dos filhos.

Ivan de Albuquerque – Espírito (Francisco do Espírito Santo Neto)